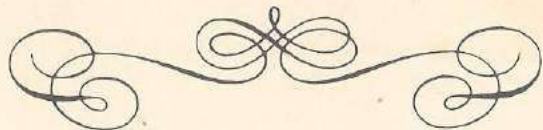


27/5/07



## 20

### O irmão do caminho

Simeão era muito moço ainda  
Quando escutou a história de Jesus  
E, acendendo esperanças na alma linda,  
Inflamou-se de fé, amor e luz...

Morando numa choça da montanha  
Junto de antiga estrada, sem vizinho,  
Era a bondade numa vida estranha,  
O amigo dedicado aos irmãos do caminho.

Lia os ensinamentos do Senhor,  
Mas afirmava precisar  
De ação que lhe exprimisse o grande amor  
Na fé que decidira praticar.

Na pequena morada, pobre e agreste,  
Cavou no solo um poço... Água de mina,  
Que ele, olhos em luz e sorriso na face  
Oferecia a quem passasse  
Por lembrança de paz da Bondade Divina...

Viajores a pé, na vereda escarpada,  
Se chegavam ali, no entardecer,  
Podiam descansar das fadigas da estrada,  
Ouvindo Simeão que os fazia viver  
Casos da natureza simples e selvagem...  
Era a história das aves de viagem  
Que paravam por lá, na primavera,  
A descrição dos melros e dos ninhos  
Que defendiam valorosamente  
Os frágeis filhotinhos!...  
A saga do pardal inteligente  
Que lhe comia as uvas do quintal...  
Em seguida, falava aos interlocutores,  
Das lições de Jesus, da beleza das flores,  
Do sol no amanhecer e das flautas do vento...  
E se alguém lhe indagava de onde vinha  
Para a estreita choupana que o detinha,  
Explicava, de jeito improvisado,  
Que ele fora, ao nascer, um pequeno enjeitado  
As portas de um convento.  
Crescera trabalhando em lavação de prato,  
Mas amava a Jesus, de tal maneira,  
Que, homem feito, o mosteiro lhe doara  
O recanto de mato,  
Na montanha empedrada  
E os restos da tapera abandonada  
Onde ele cultivava uma antiga parreira...

Quando a noite avançava,  
O irmão do caminho  
Colocando em trabalho a candeia de azeite,  
Dava a cada viajante  
A tigela de leite

Que provinha das cabras que criava...  
Mas, não ficava nisso...  
Fizera Simeão um compromisso:  
Recordando Jesus,  
Ante os primeiros doze seguidores,  
Lavava os pés de todos os viajores;  
Logo após, era, enfim, uma prece ligeira  
Antes que cada um tomasse a própria esteira.

Simeão alcançara os oitenta janeiros,  
Trabalhando e servindo, dia-a-dia,  
Sem quaisquer outros companheiros  
Que não fossem viajantes  
A pedirem pousada, companhia,  
Uma noite de paz ou um copo de água fria.

Certa noite chuvosa, escorado a um bordão  
De corpo recurvado para o chão,  
O estimado velhinho  
Sentia-se sozinho...  
De quando em quando, abria a porta,  
Podia haver algém varando a noite fria e morta,  
Mas não vinha ninguém...

Era Natal... Quase ninguém saía  
Dos recessos do lar  
A fim de relembrar  
A noite que trouxera o Grande Dia.

Antes de recolher-se, Simeão  
Meditando em Jesus colocou sobre a mesa  
Uma flor lirial da natureza  
E depôs sobre ela,

Qual medalha singela,  
Uma efígie miúda de criança  
Com Jesus pequenino na lembrança...

Em seguida, deitou-se fatigado,  
Deixando, a muito custo, o apoio do cajado...

O velhinho velava, ouvindo a voz do vento...  
Lá fora, o temporal fizera-se violento.

Alta noite, uma voz chamou, baixinho:  
— "Simeão, Simeão!... Meu irmão do caminho"!...  
— "Quem sois vós"? — respondeu o interpelado.  
— "Um peregrino desacompanhado...  
Rogo pousada, irmão"! — clamou o forasteiro.  
Ergueu-se devagar o cansado hospedeiro.  
Fez luz, abriu a porta.  
Mas o vento apagou a chama semi-morta.  
— "Enrai"!... — disse o velhinho, —  
— "Agora sei que não estou sozinho".

Acendendo, de novo, a mecha da candeia,  
Ante o brando clarão que renasce e se alteia,  
Vê o recém-chegado a se acolher num canto...  
Era um homem de rosto triste e doce,  
Calado qual se fosse  
Alguém a ouvir os próprios pensamentos...  
Simeão enxergou-lhe os pés sangrentos,  
Os cabelos molhados, a tristeza...  
Fez fogo para dar-lhe o leite quente  
E, ao estender-lhe a humíllima tigela,  
Indagou-lhe o viajor  
Por que a flor singela

Que ele notava sobre a mesa em frente...  
Simeão respondeu ao peregrino:  
— "Estamos no Natal e muitas vezes penso  
Que Nossa Mãe do Céu, em seu amor imenso  
Era uma flor de Deus, dando à luz um menino"...

O homem sorriu sem nada comentar...

O velhinho, entre passos mal firmados,  
Sempre movimentando a luz acesa,  
Trouxe a bacia de água morna e leve  
Mergulhando-lhe os pés ensanguentados...  
Ao ver-lhe os dedos maltratados,  
Disse ao viajor, tomado de surpresa:  
— "Quanto sangue verteis!... Como tendes andado"!...  
Deu-lhe o estranho viajante esta resposta leve:  
— "Deus te abençoe, amigo, a assistência bem-vinda!...  
Creio que devo andar por muito tempo ainda"!...

De joelhos, Simeão,  
Em lhe lavando os pés com infinito carinho,  
A refletir nas pedras do caminho,  
Ao lhe tocar nas crostas das feridas  
A fim de removê-las,  
Viu que as chagas abertas  
Eram duas estrelas...  
O velhinho assombrado  
Buscou fitar-lhe as mãos com ternura e respeito  
E viu que estavam nelas  
Grandes marcas da cruz, luminosas e belas,  
Ampliando o fulgor que lhe envolvia o peito...

Ele grita, chorando de alegria:  
— "Jesus!... Sois vós Jesus"?!...  
E o Senhor, levantando as mãos em luz,  
Disse, abraçando o ancião:  
— "Vem a mim, Simeão,  
É chegado o teu dia  
De repouso e de luz no Mais Além"...

Simeão esqueceu a velhice e o cansaço  
E pousou a cabeça em seu regaço...

Depois do amanhecer, outros viajantes  
Chegaram como dantes,  
Pedindo água, descanso, conforto,  
Mas viram que o irmão e irmão do caminho  
De joelhos, parado, ali sozinho,  
Muito embora sorrisse, estava morto...

